

XXI SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ-UFPI
LUCIENE DO RÊGO DA SILVA (BOLSISTA DO ICV/UFPI)
ALCIONE CORRÊA ALVES (ORIENTADOR DO DEPTº. DE LETRAS-UFPI.)

A ORALITURA NA OBRA TEXACO DE PATRICK CHAMOISEAU

1-INTRODUÇÃO

Através da oralitura, a oralidade encontra seu espaço nos contos antilhanos. Os relatos orais foram sendo recolhidos pelo autor e agrupados na sua obra ao longo da narrativa. As narrativas orais são o meio dos habitantes desse local repassarem sua história para seus descendentes. Repassada oralmente de geração a geração através principalmente da “contação” de histórias, música, rituais religiosos, etc. Seguindo essa perspectiva da oralitura, sobre quais condições a oralidade pode ser preservada na escrita e se é possível a reconstrução da identidade desses moradores através da oralitura dentro da obra *Texaco* de Chamoiseau()

2-METODOLOGIA

Como fundamentação teórica para esta pesquisa, recorreremos ao teórico Bakhtin, fazendo uma análise crítica da estética de Dostoiévski, em seu livro: *Estética da Criação Verbal*, onde o autor desenvolve o conceito de polifonia; Glissant em *Introdução a uma Poética da Diversidade* nos ajudou a estabelecer uma relação entre as identidades Atávicas e compósitas e compreender as diferenças entre as culturas de tradição escrita e as de tradição oral e sua influencia na literatura antilhana. Para a identidade aberta, recorreremos a Stuart Hall, sobretudo ao livro *A Identidade na pós-modernidade* e ao conceito de Oralitura, proposto por Chamoiseau em *Écrire la parole de nuit: la nouvelle littérature antillaise*,

3-RESULTADOS E DISCUSSÕES

Qual o papel do narrador frente à tradução do crioulo para o francês? Marie-Sophie, a narradora que também escreve, expõe esse *incômodo* quando assume o seu *parco domínio da língua da França*: se, para o Marcador de Palavras que conhecia a língua da França e o crioulo, essa não era uma tarefa fácil, como era para Marie-Sophie, que não conhecia tão bem a língua francesa?

(...) escrever para mim, era em francês, e não em crioulo. Como escrever meu Esternome tão crioulo? [...] Às vezes flagrava-me chorando ao perceber como reencontrando-o para conservá-lo eu o perdia, e o imolava dentro de mim; as palavras escritas minhas pobres palavras francesas, dissipavam para sempre o eco de sua palavra e impunham uma traição à minha memória. (CHAMOISEAU, 1993, p. (285-286).

A personagem Marie-Sophie se pergunta como traduzir o nome de seu pai que, no romance aparece como Esternome: encontrou esta forma como uma saída para não violar o verdadeiro significado do nome de seu pai que, em crioulo, tinha um significado próprio. Como não encontrou uma saída válida para a tradução do nome de seu pai, resolve chamá-lo de Esternome.

A Informante falava com voz lenta, ou às vezes muito rápida. Misturava o crioulo e o francês, a palavra vulgar, a palavra preciosa, a palavra nova... como se a todo instante mobilizasse (ou recapitulasse) suas línguas. Tinha períodos de *voz-não-clara*, como certos grandes contadores de histórias. (CHAMOISEAU, 1993, p. 285-286).

4-CONCLUSÃO

A tradução produz uma resignificação desses termos que repassados de um para o outro oralmente inicialmente, posteriormente *formolizados* e *petrificados* através da escrita, vão sendo resignificados através da tradução da obra para outros idiomas, principalmente para línguas como o português brasileiro, que difere do português de Portugal; assim como o crioulo da Martinica difere do crioulo de Fort-de France e do crioulo falado em outros locais no Caribe, de colonização francesa; e o francês da Martinica difere do francês da França.

5-REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Mikhail. Reformulação do livro sobre Dostoiévski. In: *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2003, p. 337-357.
- BERNABÉ, Jean, CHAMOISEAU Patrick, CONFIANT, Raphaël. *Éloge de La Créolité*. Tradução de Magdala França Vianna. Paris: Gallimard/Presses Universitaires Créoles, 1989. Disponível em: http://www.palavrarte.com/equipe/equipe_mviana_prod_acad.htm. Acessado em 11/12/2011.
- CHAMOISEAU, Patrick. *Texaco*. Ed. Companhia das Letras: São Paulo, 1993.
- _____. *Que faire de La parole? Dans La tracée mystérieuse del'oral à l'écrit*. In: *Écrire La parole de nuit*. La nouvelle Littérature antillaise. Paris: Gallimard, 1994, p. 151-158.
- GLISSANT, Édouard. *Introdução a uma poética da diversidade*. Tradução de Elnice Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Editora UFJF, 1996
- HALL, Stuart. *A identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Ed. DP&A: Rio de Janeiro: 2003.